

**LIMA, A. C. C. Ritos e Festas em Corinto Arcaica.
Coleção Aedos. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, 148p.**

*Claudia Beltrão da Rosa**

O novo livro de Alexandre Carneiro Cerqueira Lima,¹ publicado em dezembro de 2010, merece ser comemorado por helenistas e estudiosos da Antiguidade em geral, por, em primeiro lugar, preencher uma lacuna nas publicações em língua portuguesa sobre seu objeto de estudo: a Corinto arcaica do período Cypsélida. Este simples dado já recomendaria sua leitura e divulgação. Há, contudo, outras virtudes, sintetizadas em seu *Prefácio* por Neyde Theml:

... Ele rompe com alguns preconceitos que ainda circulam no meio acadêmico, como “não se pode fazer pesquisas em História Antiga no Brasil”; “não se pode fazer História sem documentos escritos”; “não se pode pesquisar cultura popular nas sociedades poliades”, e outros “não se pode”. Alexandre Carneiro preferiu ouvir o poeta, que nos diz que é “proibido proibir”. E teve a coragem de enveredar por um caminho que não se ousava caminhar. (THEML, Prefácio, p.9)

Em **Ritos e Festas em Corinto Arcaica**, Alexandre Carneiro apresenta uma análise de parte de seu *corpus* documental da pesquisa para sua tese de doutorado,² na qual a Corinto arcaica surge não apenas como alteridade em relação ao nosso mundo, mas também em relação a Atenas, *imperatrix* nas publicações sobre a Antiguidade, num período pouco estudado em nosso

* Professora associada de História Antiga da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

país. A atenção às possibilidades de pesquisa abertas pelo interesse – ainda recente – dos historiadores pela cultura material e pelo diálogo com outras disciplinas, especialmente a Arqueologia, vem permitindo a ampliação quantitativa e qualitativa daqueles estudos, antes restritos aos textos clássicos ou à dependência de análises de arqueólogos e historiadores estrangeiros. Assim, o livro em foco é mais um passo em direção à consolidação da área de estudos da Antiguidade no Brasil, rompendo com os convencionais e estreitos “não se pode”. Aos poucos, os historiadores perceberam que eles demandam uma complexa associação de vários elementos dispersos – topográficos, arqueológicos, textuais, etc. E o livro em foco reitera a centralidade e a complexidade de rituais que ordenavam as atividades das comunidades ao longo do ano e forneciam uma estrutura sólida para as práticas religiosas, políticas e sociais.

Ritos e Festas em Corinto Arcaica destaca a importância das categorias *espaço* e *tempo* na análise, situando ritos e festas no espaço da *pólis* e no tempo do calendário, através de rituais que marcam a progressão do tempo e a disposição espacial - rituais que criam as rotinas diárias, anuais, cíclicas; ligam os indivíduos aos grupos; promovem a integração e a distinção social; além disso, orientam a compreensão de cada um em relação a si mesmo e à comunidade. Ritos e festas surgem como complexos sistemas cognitivos e simbólicos, inserindo indivíduos e grupos humanos no mundo intersubjetivo do conhecimento e do senso comum, que resulta na ação que sacraliza seres e objetos, tempos e espaços, mediante estratégias específicas que demandam a atenção do historiador.

A Corinto arcaica, encruzilhada de caminhos, *locus* de interações culturais e religiosas para além das econômicas no Mediterrâneo arcaico, é observada pelo autor a partir de análises de documentos imagéticos, sem descuidar dos textuais, conduzidas com base em métodos da semiótica textual e imagética, ressaltando-se a leitura isotópica, cujos procedimentos permitem-lhe destacar categorias relativamente homogêneas e articular a apreensão do(s) sentido(s) dos discursos com que lida em diferentes níveis de profundidade, garantindo uma base segura para o estabelecimento de percursos de significação em sua organização, combinação e expressão. Com essa base metodológica, o autor analisa sentidos, interações e conflitos entre rituais e festas, que define como *cultura oficial*, e aqueles definidos como *cultura popular*, fundamentado na definição de M. Bakhtin, matizada pela perspectiva de P. Burke, tendo o cuidado de fornecer ao leitor elementos

para situar o uso operatório dos conceitos-chave e contextualizar a passagem da Corinto aristocrática à tirania, questão-chave para a compreensão de suas conclusões. Destacam-se, no livro, o **banquete** – dentre os ritos de hospitalidade (*xênia*) apresentados como expressões da *cultura oficial* na *pólis* aristocrática – e a **procissão dionisiaca** (*kômos*) - como manifestação da *cultura popular* na Corinto dos Cypselidas.

No caso dos banquetes, o autor preocupa-se com a criação e circulação dessas imagens em diversos suportes na Corinto aristocrática - a forma dos vasos, seu uso, as imagens e seus signos são levados em conta, representando o mundo dos *aristoi*, suas práticas e seus valores. E conclui: “A refeição sacrificial é uma refeição igualitária à imagem da partilha do poder, que coloca em foco a *pólis* arcaica. O *deípnon* é uma prática de controle social dos cidadãos pela *pólis*” (LIMA, 2010, p.54). Da análise desses registros materiais (nos quais temas homéricos – especialmente os relacionados às figuras de Aquiles, Odisseus e Ajax – e divindades como Zeus Xênios, protetor dos hóspedes, e Hércules são recorrentes), o autor depreende a predominância das representações do comportamento e dos valores dos *aristoi*, a qual indica a estreita relação entre poder político, religião, produção e circulação de imagens. Torna-se claro ao leitor que não se trata da impossibilidade de se decidir o que seria do âmbito religioso e o que seria do âmbito político, mas, sim, a ausência desta distinção.

Tais temas da cerâmica pintada coríntia, como a obra em foco demonstra, rarearam no período da tirania dos Cypselidas, tendo sua circulação diminuído significativamente nesta *pólis*, mantendo-se, contudo, uma produção destinada principalmente à exportação para as elites etruscas mediante práticas de *xênia* e pelo comércio (especialmente para Caere), com as quais a *pólis* manteve intensas relações econômicas e culturais ao longo de todo o período arcaico.

Demonstrando que, no período Cypselida, temas e signos dionisiacos foram os mais difundidos, Alexandre Carneiro chama a atenção para a relação desses governantes com o mundo dos *georgoi*, com os *komástai* e seus valores. Ao analisar a promoção da criação e da circulação dessas imagens, ele depreende práticas de censura de temas tradicionalmente ligados à aristocracia em prol de temas caros ao mundo dos *georgoi*, chamando a atenção do leitor para o papel da tirania dos Cypselidas na promoção e difusão da religião dionisiaca, um dado importante para os estudos sobre as religiões antigas. E destaca, com propriedade, a estreita associação entre os regimes políticos e a

produção e circulação de imagens, revelando o que pode ser definido como *luta de representações*. Um dado a apoiar essa interpretação é a presença de imagens de *kômos* em diferentes suportes cerâmicos: *aryballos*, *alabastros*, *amphoriskos*, *kýlix*, *oenochóe*, *ólpe*, etc., enquanto as cenas de banquete se restringem às crateras para exportação, muito apreciadas pela elite etrusca.

Ritos e Festas em Corinto Arcaica apresenta análises a partir de dados arqueológicos, de temas como a prostituição sagrada (*hierodoúles*) sob o viés de sua inserção nos rituais de hospitalidade, de espaços político-religiosos como as salas de banquetes (*hestiatória*) nos santuários, e.g., de Peráchora e de Deméter, observando a localização do mobiliário (*trapédzai*, *kliné*, etc.), de objetos votivos, de objetos destinados aos banquetes (oficiais), etc., e centraliza a análise nas imagens que representam cenas de banquetes, elementos que permitem tecer considerações e aventar hipóteses para a interpretação, incrementando os estudos sobre as religiões e rituais antigos. Paralelamente à comparação de rituais oficiais – no interior de santuários, como o *Heraion* –, com rituais populares, no exterior dos santuários, o autor dá atenção à figura e ao trabalho dos *demiourgoi* coríntios e ao que os dados arqueológicos permitem depreender sobre os atores e os elementos dos cultos.

Ao se debruçar sobre o tema dos *kômoi* presentes na cerâmica sob a tirania Cypsélida, Alexandre Carneiro os define como distintos das *pompaí*, ou procissões solenes e oficiais, a partir da análise detalhada de algumas imagens de seu *corpus* documental. Sobre as *pompaí*, declara:

... A atividade sacrificial assegurava a identidade do grupo, criando laços de amizade e de reciprocidade fundamentais para a coesão da comunidade em torno dos ritos dedicados às divindades políades (...) O respeito aos ritos oficiais (eusebeia – piedade) da pólis assegura a boa ordem (eunomia) e reforça as regras e costumes que todos (tanto kakoí quanto aristoí) devem seguir e respeitar. (LIMA, 2010, p.89)

E centraliza o foco da análise nas imagens dos *komaí*, definidos como “procissões catárticas” (LIMA, 2010, p.90). Nesse ponto, o autor dialoga especialmente com a pesquisadora Paulette Ghiron-Bistagne, ao selecionar dois vieses para a interpretação desses ritos: a) o de “cortejo carnavalesco” ; b) o de “coro cantado e dançado em honra de Dionisos, o *kórdax* – dança lasciva –, ligado aos ritos agrários em que a vestimenta dos dançarinos explicita um sentido propiciatório e de fertilidade” (LIMA, 2010, p.91).

A recorrência de imagens dos *kômoi* nos vasos de cerâmica pintada do período Cypsélida indica sua grande circulação e uso. Essas imagens permitem uma via de acesso a elementos da vida social e religiosa antiga, de outro modo invisíveis à pesquisa histórica, permitindo vislumbrar divindades, elementos e aspectos da prática ritual. E o autor apresenta um sentido geral para os signos imagéticos de alteridade, do selvagem e da desmedida deste grupo de imagens: a suspensão das regras e dos constrangimentos do cotidiano, a comemoração da vida e da *pólis*. Ressaltamos algumas de suas conclusões:

Ao analisarmos todos estes vasos com cenas de kômos, percebemos que não havia entre os coríntios somente um tipo de procissão catártica. A partir da documentação imagética fica clara a pluralidade de signos e sentidos envolvidos em torno da prática da procissão dos dançarinos pançudos. A característica predominante talvez seja a exaltação da fecundidade e da fertilidade, por meio da exposição do ventre e do baixo corporal. Os georgoi, nos primórdios da procissão, cruzavam os campos com o intuito de pedirem boas colheitas; era, portanto, um rito mágico-propiciatório (...) Mesmo essa procissão mágico-propiciatória tinha implícito um outro sentido: o de reconhecimento e integração do território cívico. Da mesma maneira que a caça, o kômos proporcionava aos neoi reconhecerem os limites e fronteiras de sua pólis, criando laços de identidade, de pertencimento à comunidade. (LIMA, 2010, p.111)

Alexandre Carneiro apresenta, portanto, uma variedade de ritos e festivais que indicam uma íntima associação entre política, economia e cultura, revelando espaços e tempos simbólicos que promovem e proclamam o ordenamento cósmico-religioso, a nova ordem política e, simultaneamente, a hierarquia social entre celebrantes e assistentes na Corinto arcaica; marcam o lugar de cada um e de cada coisa na sociedade e no mundo; criam memórias e identidades; incluem alguns e excluem outros; e representam simbolicamente a ordem desejada e aquilo que deve ser evitado. Sua análise é rica e plural. Movendo-se por contrastes e comparações (e.g. oficial/popular, *pompai/komoi*, *kakoi/aristoi*, identidade/alteridade), o autor privilegia o diálogo e a polissemia, se não uma verdadeira polifonia na análise e na interpretação das imagens em cerâmica pintada da Corinto arcaica.

Notas

¹ Seu primeiro livro, publicado em 2000 pela Sette Letras, intitula-se **Cultura Popular em Atenas no V Século a.C.**

² A tese de Doutorado é intitulada **Cultura Popular em Corinto: Kômoi nos VII-VI séculos a.C.**, realizada sob a orientação da Profa. titular Neyde Theml.